

Biblioteca Anarquista



O Que é e o Que o Antidesenvolvimentismo Quer

Miguel Amorós

Miguel Amorós
O Que é e o Que o Antidesenvolvimentismo Quer
17 e 18 de maio de 2014

www.partage-le.com

Titulo Original: **¿Qué es y qué quiere el anti-desarrollismo ?**.
Tradução e Revisão por André Tunes @*Nucleo de Estudos Autonomo Anarco Comunista*.

Ela não possui direitos autorais pode e deve ser reproduzida no todo ou em parte, além de ser liberada a sua distribuição, preservando seu conteúdo e o nome do autor.

bibliotecaanarquista.org

17 e 18 de maio de 2014

O antidesenvolvimentismo, por um lado, vem do equilíbrio crítico do período que se encerra com o fracasso do antigo movimento trabalhista autônomo e a reestruturação global do capitalismo; nascido então entre os anos setenta e oitenta do século passado. Por outro lado, surge na tentativa incipiente de ruralização de então e nas explosões populares contra a permanência de fábricas poluidoras nos centros urbanos e contra a construção de usinas nucleares, urbanizações, rodovias e pântanos. Ao mesmo tempo, é uma análise teórica das novas condições sociais que levam em conta a contribuição ambiental e uma luta contra as consequências do desenvolvimento capitalista, embora as duas coisas nem sempre andem juntas. Podemos defini-lo como um pensamento crítico e uma prática antagônica nascida dos conflitos provocados pelo desenvolvimento na última fase do regime capitalista, o que corresponde à fusão da economia e da política, do capital e do Estado, da indústria e da vida. Por causa de sua novidade, e também por causa da extensão da submissão e resignação entre as massas desclassificadas, a reflexão e o combate nem sempre andam de mãos dadas; um postula objetivos que o outro nem sempre quer assumir: o pensamento antidesenvolvimentista luta por uma estratégia global de confrontação, enquanto a luta tende a ser reduzida à tática, que só beneficia a dominação e seus defensores. As forças mobilizadas quase nunca estão conscientes de sua tarefa histórica, enquanto a lucidez da crítica nem sempre é capaz de iluminar as mobilizações.

O mercado mundial transforma continuamente a sociedade de acordo com suas necessidades e desejos. O domínio formal da economia na velha sociedade de classes é transformado em um domínio real e total na moderna sociedade tecnológica em massa. Os trabalhadores massificados são agora principalmente consumidores. A principal atividade econômica não é industrial, mas administrativa e logística (terciária). A principal força produtiva não é o trabalho, mas tecnologia. Por outro lado, os funcionários são a principal força de consumo. Tecnologia, burocracia e consumo são os três pilares do atual desenvolvimento. O mundo da mercadoria deixou de ser autogerido. É impossível humanizar: primeiro você tem que desmantelá-lo.

Absolutamente todas as relações dos seres humanos entre si ou com a natureza não são diretas, mas são mediadas por coisas, ou melhor, por imagens associadas a coisas. Uma estrutura separada, o Estado, controla e regula essa mediação reificada. Assim, o espaço social e a vida que abriga são modelados de acordo com as leis das ditas coisas (bens, tecnologia),

da circulação e da segurança, originando todo um pacote de divisões sociais: entre urbano e rural, líderes e dirigidos, ricos e pobres, incluídos e excluídos, rápidos e lentos, conectados e desconectados, etc. O território, uma vez limpo de agricultores, torna-se uma nova fonte de recursos (uma nova fonte de capital, uma decoração e um suporte de infraestrutura um elemento estratégico de circulação). Essa fragmentação espacial e desintegração social aparece hoje na forma de uma crise que apresenta diversos aspectos, todos inter-relacionados: demográficos, políticos, econômicos, culturais, ecológicos, territoriais, sociais ... O capitalismo foi além de seus limites estruturais, ou em outras palavras, atingiu o teto.

A crise múltipla do novo capitalismo é o resultado de dois tipos de contradições: as internas, que são as causas de fortes desigualdades sociais, e as externas, responsáveis pela poluição, pelas mudanças climáticas, pelo esgotamento dos recursos e pela destruição do território. Os primeiros não se destacam da esfera capitalista, onde estão escondidos como problemas trabalhistas, problemas de crédito ou deficit parlamentar. A união e as lutas políticas nunca se propõem a deixar o quadro que enquadra a ordem estabelecida; ainda menos eles se opõem à sua lógica. As principais contradições são, então, produzidas pelo embate entre a finitude dos recursos planetários e a demanda infinita exigida pelo desenvolvimento, ou o choque entre as limitações impostas pela devastação e a destruição ilimitada que o crescimento contínuo exige. As contradições revelam a natureza terrorista da economia de mercado e do Estado em relação ao habitat e à vida do povo. A autodefesa contra o terrorismo das mercadorias e do Estado se manifesta tanto como uma luta urbana que rejeita a industrialização da vida – ou seja, como um antidesenvolvimentismo –, do que como uma defesa do território que nega a industrialização do espaço. Os representantes da dominação, se não puderem integrá-los sob a roupa “verde” da oposição, respeitando suas regras de jogo, apresentarão como um problema minoritário da ordem pública, a fim de reprimi-los e esmagá-los.

Em um momento em que a questão social tende a ser apresentada como uma questão territorial, somente a perspectiva antidesenvolvimentista é capaz de apresentá-la corretamente. De fato, a crítica do desenvolvimento é a crítica social como agora existe; nenhum outro é verdadeiramente anticapitalista, já que ninguém questiona o crescimento ou o progresso, os velhos dogmas que a burguesia transmitiu ao proletariado. Por outro lado, as lutas em defesa e pela preservação do território, sabo-

tando o desenvolvimento, fazem com que a ordem da classe dominante vacile: na medida em que conseguem conformar um sujeito-coletivo anticapitalista, essas lutas não serão mais que a luta de classes moderna.

“A ideia de progresso, refratária a todo processo de inteligibilidade, é, junto com suas sequelas de ignorância, decadência e destruição, a única coisa que realmente progride.” – Agustín López Tobajas

A consciência social anticapitalista emerge da união de crítica e luta, isto é, de teoria e prática. A crítica separada da luta torna-se ideologia (falsa consciência); a luta separada da crítica torna-se niilismo ou reformismo (falsa oposição). A ideologia frequentemente defende um retorno impossível ao passado, que fornece um excelente álibi para a inatividade (ou atividade virtual, que é a mesma coisa), ainda que a forma mais usual do mesmo é da área econômica o cooperativismo e da área política o populismo (populismo a lá europeu). A verdadeira função da práxis ideológica é administrar o desastre. **Tanto a ideologia quanto o reformismo separam a economia da política para propor soluções dentro do sistema dominante, seja em um campo ou no outro. E como as mudanças têm que derivar da aplicação de fórmulas econômicas, jurídicas ou políticas, ambas negam a ação, que substitui imitações teatrais e simbólicas. Eles fogem de um confronto real, pois querem, a todo custo, conciliar sua prática com a dominação, ou, pelo menos, tirar proveito de suas lacunas e brechas para sobreviver e coexistir. Eles querem administrar espaços isolados e administrar a catástrofe, não suprimi-la.**

A união acima mencionada entre crítica e luta fornece ao antidesenvolvimentismo uma vantagem que nenhuma ideologia possui: saber tudo o que quer e conhecer o instrumento necessário para alcançá-lo. Pode apresentar de forma realista e credível as principais características de um modelo alternativo de sociedade, uma sociedade que se tornará evidente assim que o nível tático das plataformas, associações e assembleias for ultrapassado, e o nível estratégico das comunidades combatentes for ultrapassado. Isto é, tão logo a fratura social possa ser expressa em todos os sentidos com um “nós” diante de “eles”. Os de baixo contra os de cima.

As crises provocadas pela fuga do capitalismo não fazem se não afirmar ao contrário a relevância da mensagem antidesenvolvimentista. Os produtos da atividade humana – a mercadoria, a ciência, a tecnologia, o Estado, as conurbações – tornaram-se complicados, tornando-se independentes da sociedade e se

levantando contra ela. A humanidade foi escravizada por suas próprias criações descontroladas. Em particular, a destruição do território devido à urbanização cancerígena se revela hoje como a destruição da própria sociedade e dos indivíduos que a compõem. O desenvolvimento, como um deus Janus, tem duas faces: agora, as consequências iniciais da crise energética e da mudança climática, ilustrando a extrema dependência e ignorância do bairro urbano, eles nos mostram o rosto que permaneceu oculto. A estagnação da produção de gás e petróleo, anunciando um futuro em que o preço da energia será cada vez mais alto, o que aumentará os custos de transporte, causará crises alimentares (ainda mais acentuadas pelo aquecimento global) e provocará colapsos produtivos. **A médio prazo, a metrópole será totalmente inviável e seus habitantes estarão na posição de escolher entre refazer seu mundo de outra maneira ou desaparecer.**

O antidesenvolvimentismo quer que a inevitável decomposição da civilização anticapitalista conduza a um período de desmantelamento de indústrias e infraestruturas, de ruralização e descentralização, ou em outras palavras, que inicia um estágio de transição para uma sociedade justa, igualitária, equilibrada e livre, e não um caos social de ditaduras e guerras. Com tal final de agosto, o antidesenvolvimentismo é sobre a disponibilidade de armas teóricas e práticas suficientes para que os novos grupos e comunidades rebeldes possam aproveitá-las, germes de uma civilização diferente, liberto do patriarcado, da indústria, do capital e do Estado